



RESUMOS > COMUNICAÇÕES
Terça-feira > 17/10 > 14:00-15:30
Sala 2082

Gabriel Almeida Assumpção

Considerações sobre pintura poética em Sulzer, Lessing e Hölderlin

No final de seu verbete sobre Pintura (arte falada e música), após longa discussão sobre a pintura e suas particularidades, Sulzer mostra-se convicto: “Pode-se pintar não somente para o olho, mas também apenas para a imaginação e inclusive para o ouvido”. Para o autor, o imagético não corresponde a uma simples descrição que deve ser abolida da tarefa poética. No seu *Laoconte* ou sobre as fronteiras da pintura e da poesia, Lessing não deixa especificamente claro a diferença entre pintura poética [poetische Gemälde] e descrição poética [poetische Beschreibung]. Para a maioria dos seus intérpretes, a mais apressada evidência é a condenação de Lessing ao conceito de pintura poética. Nos fragmentos poético-filosóficos de Hölderlin os quais ele fala sobre a *Ilíada*, e especialmente sobre Aquiles, o conceito de pintura poética, embora pouco explicitado, é muito caro e aparece como pintura dos caracteres [Karaktergemälde]. Nesse contexto, propomo-nos a pensar sobre a forma com que Lessing estabeleceu as fronteiras demarcáveis entre a poesia e a pintura, de modo a compartilhar não uma crítica ferrenha a pintura poética, mas sim ao modo como essa tarefa é desenvolvida pelo poeta. Uma leitura atenta aos escritos de Lessing nos leva a evidenciar mais uma crítica à poesia pintura do que a pintura poética. O diálogo com seu antecessor Sulzer possibilita um contato mais estreito com a concepção de pintura poética, assim como, com a tradição do *ut pictura poesis* de Horácio seguida por Winckelmann. Como essa tradição se insere no contexto da crítica de Lessing a imitação recíproca e influencia evidentemente a concepção de criação poética

desenvolvida posteriormente por Hölderlin? A tentativa de resposta a essa pergunta nos fornecerá algumas contribuições que penetram num legado essencial para pensar o movimento da dialética da pintura e da poesia na contemporaneidade.

Wander Andrade de Paula > UFES

Filosofia como “arte da transfiguração”

Crítico ferrenho, sobretudo ao final de sua produção filosófica, da ideia de “arte pela arte”, Friedrich Nietzsche afirma que a obra de arte sempre exprime algo diverso de si mesma: seja, para ficarmos com dois exemplos paradigmáticos da obra do pensador alemão, alguma “pulsão” (Trieb), tal como presente em *O nascimento da tragédia*, seja a “vontade de poder” (Wille zur Macht), tal como sugerido em *O crepúsculo dos ídolos*, a arte está sempre a serviço de alguma outra força. O filósofo, contudo, define, de modo bastante emblemático, a própria filosofia como “arte da transfiguração” (Kunst der Transfiguration), no prefácio tardio à *Gaia ciência*. Questões de ordem fisiopsicológica, tais como saúde (Gesundheit), doença (Krankheit), dor (Schmerz) e sofrimento (Leiden) alçam-se à condição de conceitos filosóficos na obra do autor nesta fase de seu pensamento, momento em que, curiosamente, a obra “*Transfiguração*”, de Rafael Sanzio, ganha pela terceira – e última – vez em sua obra uma interpretação filosófica. O objetivo da presente fala é discutir as diversas aparições da obra de arte supracitada no pensamento de Nietzsche, a fim de demonstrar como, a partir delas, pode-se trilhar como ocorrem alterações significativas não apenas de noções fundamentais da sua filosofia – e, com elas, da própria concepção de arte do autor –, mas também, e sobretudo, como a própria interpretação do quadro lhe é essencial para a sua própria definição de filosofia.

Sandra Soares Della Fonte > Universidade Federal do Espírito Santo (UFES)

Marx e a literatura em *O capital*

A fim de contribuir para a construção de relações não hierarquizadas

entre a prosa conceitual e a prosa/poética literária, esta pesquisa indaga como se dá a presença de alusões literárias ficcionais em *O capital* de Marx, quais papéis cumprem no contexto de sua argumentação e em que medida contribuem para instituir uma relação tensa e, ao mesmo tempo, complementar entre a ciência, a filosofia e a literatura. A hipótese sinaliza que, para além do uso ornamental, há também ocasiões, em Marx, em que as menções literárias saem de um lugar submisso e agem como propulsoras das reflexões desse autor. Esse traço do texto marxiano sugere um jogo não usual entre o conceitual e o expressivo que, longe de se assentar apenas no plano do conhecimento, pode se vincular, com as devidas mediações, à crítica da divisão social do trabalho e da unilateralidade do capitalismo.